

ANESTESIA EM BOTHROPS MOOJENI PARA EXAME RADIOGRÁFICO DA CAVIDADE ORAL – RELATO DE CASO

Bothrops moojeni Anesthesia for Oral Cavity Radiographic Exam – Case Report

Dayane de Borba Luçolli¹; Lucas Brunken Hertel²; Charlene Hitomi Gonçalves Inaba³; Diogo da Motta

Palavras-chave: Anestesia de répteis. Anestesia inalatória. Contenção química em cobras.

Introdução

Os répteis mostram um metabolismo lento e dependente de temperatura ambiente (Gianotti et al, 2008). O entendimento farmacocinético e farmacodinâmico dos anestésicos que podem ser utilizados ainda é pouco estudado (Fernandes, 2010), porém a anestesia inalatória, principalmente com isoflurano, tem se tornado a prática padrão para serpentes, pois é considerada mais segura e a recuperação do animal é mais rápida (Valente et al., 2013). Este trabalho tem por objetivo relatar a contenção química de uma cobra da espécie *Bothrops moojeni* para avaliação diagnóstica.

Material e métodos

Foi anestesiada uma cobra da espécie *Bothrops moojeni* pesando 0,5 kg para exame radiográfico da cavidade oral. A contenção física foi realizada em um tubo plástico transparente e logo após iniciou-se a contenção química com isoflurano, vaporizado diretamente no tubo durante 10 minutos. Observou-se que a anestesia foi eficiente devido a diminuição da contração muscular, queda da língua e ponta da cauda. Já com o paciente anestesiado, foi realizada a intubação com sonda orotraqueal nº 2 para fornecer oxigênio 1L/min e manutenção anestésica com isoflurano. Durante o procedimento foram avaliadas as frequências cardíaca (FC) e respiratória (FR) com auxílio do monitor multiparamétrico. O procedimento durou 30 minutos, sendo mantido plano adequado para a manipulação e realização do exame. Observou-se o início da recuperação anestésica após 15 minutos de extubação orotraqueal notada pela contração muscular na parte caudal de seu corpo. Foi imediatamente transportada para um viveiro aquecido a 29 °C para continuar sua recuperação da forma mais adequada possível, recuperando-se totalmente após 3 horas.

Resultados e discussão

Tubos plásticos claros são ideais para o manuseio de serpentes peçonhentas, pois permitem uma barreira segura e visualização do animal. Uma vez a serpente contida no tubo, o anestésico

1 Curso de Medicina Veterinária – UTP

2 Curso de Medicina Veterinária – UTP

3 PAP/UTP

inalatório pode ser administrado através do tubo para facilitar a indução da anestesia e a intubação endotraqueal (Schumacher et al., 2006). Este método mostrou-se eficiente, pois com apenas 10 minutos de fornecimento de anestésico inalatório houve facilidade no manuseio e intubação orotraqueal, não sendo necessário outros fármacos para promover sedação. Ao comparar três protocolos, Nunes e colaboradores (2006) utilizaram cetamina, midazolam e isoflurano, concluindo que jararacas não apresentaram diferença significativa entre os grupos que receberam o agente inalatório com ou sem a contenção química prévia. A progressão do relaxamento muscular em serpentes é craniocaudal na indução e caudocranial na recuperação anestésica. O reflexo de reposicionamento em serpentes é realizado posicionando-se o animal em decúbito dorsal, ele tentará voltar ao decúbito ventral se estiver em plano anestésico superficial. Em todas as serpentes, os reflexos palpebrais e corneais não podem ser avaliados, devendo-se utilizar reflexos adicionais como o caudal e o cloacal para o monitoramento do animal (Schumacher et al., 2006). Devido ao relaxamento adequado não foi necessária a avaliação dos reflexos adicionais. A intubação endotraqueal e a assistência ventilatória são indicadas. A frequência respiratória normal para muitos répteis é de 10 a 20 movimentos respiratórios por minuto. Com o uso de oxigênio a 100%, a frequência respiratória a ser empregada pode ser reduzida para 2 a 4 movimentos (Nunes et al., 2006). Neste caso, manteve-se a frequência em no máximo 6 mpm. A escolha do traqueotubo não foi a mesma relatada por Garcia (2012), onde a opção foi um cateter 16 G recoberto com lidocaína gel a 2% para a intubação de serpentes e, após, esse tubo endotraqueal foi adaptado ao sistema baraka do aparelho de anestesia, obtendo uma anestesia segura e tranquila. Neste caso foi utilizado o tubo endotraqueal 2 mm, sendo o tamanho considerado adequado, e o sistema de ventilação utilizado foi o baraka.

Conclusão

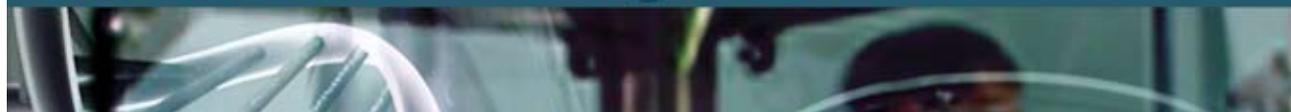
O trabalho permitiu concluir que a utilização do isoflurano foi eficiente para a anestesia, mantendo o posicionamento necessário ao exame. A anestesia neste paciente foi de suma importância já que se trata de um animal peçonhento que precisaria ficar em um posicionamento específico para a realização do exame imagiológico.

Referências

FERNANDES, A. F. Anestesia em répteis. 2010. Relatório final de estágio mestrado integrado em medicina veterinária. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23163/2/anestesia%20em%20repteisandrea%20fernandes.pdf>>. Acesso em: 09/09/2017.

GARCIA, P. B. Comparativo entre dois padrões de síntese cutânea e três tipos de material de síntese em serpentes. 2012. 72f. Dissertação (Mestrado em Ciências Veterinárias). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GIANOTTI, G.C.; CORREA, R. K. R. TORRES, V.N. et al. Anestesia em uma jararaca (*Bothrops moojeni*) relato de caso. 35º CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA VETERINÁRIA CONBRAVET, 2008, disponível



em <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32668495/r01113-1.pdf? AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1505163886&Signature=Yn1w2%2FdGnXCOWu4oaRVPn2zohw%3D&response-contentdisposition=inline%3B%20filename%3DAnesthesia_in_a_jararaca_Bothrops_moojen.pdf> Acessado em 09/09/2017.

NUNES, A. L. V. Anestesiologia. In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO DIAS, J. L. Tratado de animais selvagens – medicina veterinária. São Paulo: Roca, 2006. Cap.63, p.1040-1067.

SCHUMACHER, J.; LILIWHITE, H.B; NORMAN, W.M. et al. Effects of ketamine HCl in cardiopulmonary function in snakes. *Copeia*, v.2, n.1, p.395-400, 1997.

VALENTE, F. S.; BIANCHI, S. P.; CONTESINI, E. A. Particularidades na contenção química e na anestesia de serpentes. *Veterinária em Foco*, Curitiba, v. 10, n. 2, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://revistas.bvs-vet.org.br/vetfoco/article/view/26348/27396>>. Acesso em: 09/09/2017.